

Adesões ^{Síndia} _{et} chegam a US\$ 6,35...

15 DEZ 1983
por Milton Coelho da Graça
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

convidar outros países a participar do "pacote" ou convencer os que já estão a aumentar suas cotas. Isso é indispensável porque o Eximbank, dos Estados Unidos, condicionou a sua parte de US\$ 1,5 bilhão à adesão de outros países, somando pelo menos mais US\$ 1 bilhão. Como Japão, Alemanha e outros países estão tomando medidas para reduzir os créditos a países devedores, a arregimentação de novos recursos não será tarefa fácil.

Funcionários do Fundo Monetário Internacional e do Eximbank responderam francamente que ainda não sabem como o problema será resolvido.

A estratégia de vincular as quatro fontes de financiamento externo do Brasil — Fundo, bancos comerciais, instituições de financiamento às exportações e Clube de Paris — acabou transformando-se numa camisa-de-força, que tira flexibilidade dos negociadores. Todos os acordos e projetos ficam agora dependendo da solução para substituir a ausência da Inglaterra, que, segundo circula nos meios bancários de Nova York, aproveitou a oportunidade para exigir que o Brasil concorde em reabastecer seus aviões militares a caminho das Malvinas/Falklands. Essa concessão, ainda segundo banqueiros, não pode ser feita pelas autoridades econômicas brasileiras porque é assunto afeto ao Conselho de Segurança Nacional, que não aceita a reivindicação inglesa.

Adesões ^{Síndia} _{et} chegam a US\$ 6,35 bilhões

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

As 9 horas da noite de ontem, funcionários do Banco Central começaram a última reunião com os advogados e representantes do Citibank e do Morgan Bank para definir os contratos dos projetos 1 e 2 da renegociação da dívida brasileira, que deverão ser aprovados na reunião de hoje do comitê assessor dos bancos credores.

A delegação do BC, formada por Gilberto Nobre, chefe da fiscalização e registro de capitais estrangeiros, por Diógenes Sobreira, chefe do departamento jurídico, e pelos advogados Maria do Socorro e Hélio Gracindo (este da Fazenda nacional), tem trabalhado madrugada dentro toda esta semana, e provavelmente seu trabalho será o único a ser feito dentro dos prazos previstos na negociação da fase 2.

Uma fonte com acesso ao comitê assessor disse ontem a este jornal que o total das adesões ao empréstimo de dinheiro novo deverá atingir US\$ 6,35 bilhões (com a chegada dos telex dos bancos árabes e espanhóis) e "a tendência é não esperar mais os bancos que estão faltando". Ela estimou em mais de trezentos o número de bancos que ainda não responderam e disse que esperar por eles levaria pelo menos mais três ou quatro semanas.

Uma fonte do Banco Central disse que o Brasil "está cumprindo toda a sua parte". E, portanto, espera que "os outros também cumpram a sua". Em resposta a uma pergunta sobre o que poderá acontecer se os US\$ 6,5 bilhões não forem atingidos, a fonte com acesso ao comitê assessor considerou "muito possível" que os grandes bancos completem o que faltar para cumprir o objetivo de US\$ 6,5 bilhões.

Aprovados os contratos pelo comitê assessor, este enviará cópias a todos os bancos envolvidos nos projetos 1 e 2. O processo de aprovação por todos eles (inclusive com possível discussão de emendas) "não levará menos de duas semanas", segundo fontes tanto do BC quanto do comitê. A previsão mais otimista é a de que Galvêas e Pastore poderiam assiná-los dia 29 ou 30, mas o mais provável é que isso só ocorra em 1984.

A situação mais confusa parece ser a dos créditos às exportações.

Como a Inglaterra, segundo o ministro Delfim Netto, não irá mesmo cumprir sua parte, será preciso